

TEATRO  
3, 4 JUNHO 2017

# Campo Minado

de Lola Arias

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



**Sáb 3, dom 4 de junho - 21h30 (dom 17h)**  
**Palco do Grande Auditório - Dur. 1h40 - M12**  
**Espectáculo em inglês e espanhol, com legendas em português e espanhol/inglês.**

**Texto e encenação** Lola Arias **Com** Lou Armour, David Jackson, Gabriel Sagastume, Rubén Otero, Sukrim Rai, Marcelo Vallejo  
**Pesquisa e produção** Sofia Medici, Luz Algranti  
**Cenografia** Mariana Tirantte **Música** Ulises Conti  
**Luz e direção técnica** David Seldes **Video** Martin Borini **Engenheiro de som** Roberto Pellegrino, Ernesto Fara **Assistência de encenação** Erika Teichert, Agustina Barzola **Assistência técnica** Imanol López **Assistência de produção** Lucila Piffer **Assistência no Reino Unido** Kate O'Connor  
**Figurinos** Andrea Piffer **Assistente de figurinos** Federico Castellón Arrieta **Produtora no Reino Unido** Erica Campayne **Agradecimentos** Mark Ball, Graciela Speranza, Gema Juárez Allen, Alejandra Grinschprung, Elyse Dogson, Valeria Zamparolo, Marina Pampin, Martin Bode, Manuel Abramovich, Michael Biton, Mike Seers, Esteban Lamadrid, Federico Lorenz, Rubén Schumacher, Julie Le Gall,

Hanna El Fakir e todos os que apoiaram esta experiência entre dois países que precisou de anos de trabalho. Um agradecimento especial a todos os veteranos que participaram nas audições e compartilharam as suas histórias. A Alan Pauls por tudo. **Co-encomenda** LIFT com Royal Court Theatre, Brighton Festival, Universidad Nacional de San Martín, Le Quai Angers, Künstlerhaus Mousonturm, Athens & Epidaurus Festival, Theaterformen e hTh CDN Montpellier **Apoio** British Council **Estreia** 28 de maio de 2016, Brighton Festival

*Campo Minado* reúne veteranos argentinos e britânicos da guerra das Malvinas para explorar o que lhes ficou na cabeça trinta e cinco anos depois.

Num *plateau* de cinema convertido em máquina do tempo, os que combateram teletransportam-se para o passado de modo a reconstruir as suas memórias da guerra e a sua vida no pós-guerra. Lou Armour foi capa de todos os jornais quando os argentinos o fizeram prisioneiro a 2 de abril de

1982 e é agora professor de crianças com dificuldades de aprendizagem. Rubén Otero sobreviveu ao afundamento do navio General Belgrano e tem agora uma banda de *covers* dos Beatles. David Jackson passou a guerra a ouvir e transcrever códigos de rádio e agora ouve outros veteranos no seu consultório de psicologia. Gabriel Sagastume foi um soldado que nunca quis disparar e é agora advogado de direito penal. Sukrim Rai foi um Gurkha que soube usar a faca e trabalha agora como segurança. Marcelo Vallejo foi apontador de morteiro e é agora campeão de triatlo. A única coisa que têm em comum é que são veteranos. Mas o que é um veterano: sobrevivente, herói, louco? O espetáculo confronta visões distintas da guerra, juntando velhos inimigos para contar uma mesma história.

*Campo Minado* indaga as marcas que a guerra deixa, a relação entre experiência e ficção, as mil formas de representação da memória.

### Entrevista com Lola Arias

**Gostávamos de saber as tuas razões, ou melhor, a tua necessidade como artista, para criar uma peça a partir de um momento negro como poucos na História do teu país.**

Eu cresci a cantar as estrofes da “Marcha das Malvinas” na escola: “As Malvinas são argentinas, clama o vento e ruge o mar”, a estudar com um mapa da Argentina com as ilhas desenhadas como parte do nosso território, a recordar os soldados que morreram

a cada 2 de abril. Cresci com a sensação de que alguém nos tinha roubado parte da nossa pátria. Mas para lá deste fervor nacionalista aprendido na escola, não sabia muito sobre a guerra, o que tinham vivido os soldados, o que foi o pós-guerra para os veteranos.

A peça foi uma maneira de pensar sobre o que tinha significado a guerra para os que lutaram e os que ficaram a ver pela televisão. *Campo Minado* é um estudo sobre os efeitos colaterais da guerra num grupo de veteranos e na sociedade. E também é uma experiência social, a de ver o que acontece se juntarmos antigos inimigos para reconstituir a História.

**Entrevistaste, filmaste, veteranos de guerra dos dois lados, ingleses e argentinos. O que pensam e sentem verem na peça. Agora gostaríamos de perguntar-te sobre o processo, como os encontraste, até que ponto estavam convencidos ou dispostos a participar, que mecanismos de trabalho empregaste com seres humanos que viveram uma experiência limite.**

Este projeto começou em 2013 quando o LIFT Festival de Londres me convidou para participar num acontecimento chamado *After a War*, em comemoração dos cem anos desde a I Guerra Mundial. Pus-me a investigar e a entrevistar veteranos argentinos para fazer reconstituições filmadas das suas recordações nos lugares da sua vida quotidiana. Acabei por apresentar uma instalação-vídeo chamada *Veteranos*. Depois desse primeiro trabalho em vídeo, comecei a perguntar-me que teriam vivido os

ingleses e comecei então a pensar em fazer um projeto com veteranos argentinos e ingleses juntos reconstituindo as suas memórias da guerra.

Os veteranos argentinos que entrevistei eram na sua maioria civis que tinham ido para a guerra com 18 anos quando estavam a fazer o serviço militar, mas alguns eram militares. A maior parte deles tinha começado a sua vida adulta depois da guerra e tinha profissões muito variadas, desde porteiro até cantor de ópera. Alguns falavam dos roubos de comida, do desastre da organização, do frio; outros falavam de uma gesta heroica, da coragem, dos combates. Os ingleses eram todos militares. E muitos deles tinham-se retirado muito novos e tinham feito uma carreira universitária posterior e tinham para além disso diplomas de professor ou de psicólogo. Falaram muito da tática militar, mas também do que significa matar ou ver morrer. Foi interessante descobrir que tanto os argentinos como os ingleses sentiam que as suas vidas tinham sido partidas ao meio por causa da experiência da guerra e que havia um antes e um depois. Todos tinham uma história para contar, algo que tinha ficado conservado na sua memória depois de mais de trinta anos.

Nunca se sabe como vão reagir as pessoas na experiência de reconstituir a sua própria vida. Antes dos ensaios, tínhamos ido a um centro de cuidados psicológicos para veteranos para pedir aconselhamento. Mas no final, no próprio processo as coisas vão-se definindo. Nalguns casos, tivemos de pedir ajuda a especialistas, noutros casos fomos

descobrimo como trabalhar durante o próprio processo.

**Tudo o que um artista utilize como material documental, no momento de lhe dar forma, transforma-se inevitavelmente numa ficção. Podes falar-nos desta relação delicada entre ficção e documento?**

No próprio momento em que alguém conta a sua vida transforma-a numa ficção. Cada pessoa tem uma maneira de narrar, de escrever a sua própria vida. De alguma forma, eu reescrevo vidas alheias a partir de sucessivas entrevistas, encontros, ensaios. E depois vou juntando bocados para montar uma única história de muitas vidas.

No processo de ensaios cada um dos protagonistas recebe a sua própria vida transformada num texto que começa um complexo processo de negociações entre o que querem dizer e o que não querem. Na medida em que começam a repetir o texto, começa a produzir-se um estranho fenómeno, um distanciamento entre a pessoa e aquilo que conta. Então começa a ver a sua vida a partir de fora, a pensá-la como uma história entre outras.

**Enquanto decorria a guerra pelas ilhas Malvinas e antes no Mundial de Futebol, o governo ditatorial lançava mensagens nos media como “Os argentinos são retos e humanos”, “Argentina potência”, “As Malvinas são argentinas”. Essas mensagens patriótico-emotivas tiveram uma repercussão profunda e nefasta na sociedade. Pode haver um teatro do**

**absurdo e da crueldade que supere aquele que foi urdido pela ditadura militar? Diante desta realidade sinistra e dolorosa, como se desenvencilha a artista Lola Arias para arte e não panfleto ou ajuste de contas?**

*Campo Minado* é uma peça bilingue, que conta a história de veteranos de dois países. O absurdo do regime militar argentino encarnado por Galtieri ou a soberba belicista de Thatcher não são o centro do projeto, embora apareçam brevemente numa ou noutra cena. A peça centra-se sobretudo nos efeitos colaterais que a guerra teve nos que combateram. Obviamente que se estabelecem relações com esse contexto político que teve consequências diretas nas vidas dos protagonistas. Mas ao longo da peça há qualquer coisa de muito pessoal, muito mental. O que na fica na memória de alguém que foi à guerra? Como se transforma essa história através dos anos?

**A guerra pelas ilhas Malvinas ocorreu num momento histórico anterior à aparição das redes sociais. Que podes contar-nos sobre a propaganda, sobre a censura que já vinha de trás, ao extremo de o país inteiro celebrar com euforia um Mundial de Futebol (1978) como se não se passasse nada?**

A guerra das Malvinas foi uma estratégia do governo militar para recuperar popularidade num momento de crise, quando começavam a realizar-se as primeiras manifestações de massas contra o regime. E a princípio funcionou porque foram poucos os que se mantiveram à margem frente ao fervor

patriótico da altura. Nos jornais, nas revistas e na rua dizia-se que estávamos a ganhar. Havia um *jingle* que se cantava na televisão a toda a hora e que dizia: “Nunca nos derrotaram, nunca nos vencerão! Argentinos a vencer!” Este tipo de fervor é como uma minhoca que fica nalgum lugar da cabeça.

Na peça aparece algo disso mesmo e sobretudo o contraste com o pós-guerra. Quando a ditadura cai em 1983, já ninguém queria saber dos veteranos para nada porque faziam lembrar ao país a derrota, os mortos e o governo militar. Por isso, durante anos os que foram à guerra não tiveram reconhecimento, nem pensão, nem ajuda psicológica. Os veteranos argentinos falam disto tudo, de como lhes custou voltar ao mundo depois de ter ido à guerra.

No caso de Inglaterra, a guerra das Malvinas ajudou o governo de Margaret Thatcher a recuperar popularidade e a ser reeleita no ano seguinte. E por isso, de alguma forma, diz-se que a guerra das Malvinas e a batalha contra os mineiros em Olgrave foram os dois combates (um contra um inimigo interior e outro exterior) que impuseram a política de Thatcher nos anos oitenta. A partir daí, pode dizer-se que começou a flexibilização laboral, a privatização das empresas públicas, o controlo dos sindicatos.

Os veteranos ingleses nunca quiseram falar de política. É como se fosse uma palavra de que têm medo. A maioria deles nem sequer vai votar. No entanto, quando vieram ensaiar à Argentina descobriram a dimensão política do conflito em que participaram e inclusive puseram em causa as suas próprias

convicções. Há um deles que diz meio a sério, meio a brincar: “Depois de dois meses na Argentina a falar da guerra, estou a começar a acreditar que as Malvinas são argentinas.”

**O cineasta Sergio Renán aceitou realisar o documentário sobre Argentina 78, o filme chamou-se A Festa É de Todos. Sem dúvida um falso documentário, porque o que se passava era outra coisa bem diferente. Depois Sergio Renán foi nomeado diretor do Teatro Colón de Buenos Aires por um governo democrático. Tal como Kíve Staif, diretor do Teatro San Martín durante a ditadura, continuou no cargo em democracia. À Argentina falha a memória e é por isso que fazes as peças que fazes, Lola?**

*Campo Minado* é como outros projetos meus uma máquina do tempo. Os protagonistas voltam a um momento histórico para representar o que viveram. E de alguma forma os espectadores também fazem esse exercício quando veem a peça. Voltam atrás, pensam sobre onde estavam e o que faziam quando se estavam as coisas. De alguma forma o teatro transforma-se num exercício coletivo de memória.

Eu não diria que vivo num país amnésico. Diria que vivo num país que é puro presente. Vivemos uma vida a curto prazo, como se tivéssemos uma doença terminal e pensássemos que vamos morrer a qualquer momento.

Entrevista de Rodrigo García para a apresentação de *Campo Minado* no hTh CDN Montpellier.

## Lola Arias

Lola Arias (1976) é escritora, encenadora e *performer*. Colabora para além disso com artistas de diferentes disciplinas em projetos de arte, música e cinema. Os seus projetos transitam a fronteira entre a ficção e o real. Em teatro trabalhou com atores, polícias, mendigos, bailarinos, prostitutas, músicos, crianças e animais. Em *Striptease* (2007) um bebé de um ano é o protagonista da peça; em *El Amor es un Francotirador* (2008) os atores contam histórias de amor enquanto toca ao vivo uma banda rock; em *Mi Vida Después* (2009) seis jovens reconstróem a juventude dos seus pais nos anos 70 a partir de fotos, cartas, cassetes, roupa usada, etc.; criou no Chile *El Año en que Nací* (Festival Próximo Futuro 2012). Na Alemanha encenou *Familienbande* (2009) e *That Enemy Within* (2010). Em 2012 estreou *Melancolía y Manifestaciones* (Culturgest, 2013), um diário sobre a melancolia da sua própria mãe. *El arte de hacer dinero* (2013) é protagonizada por mendigos, músicos de rua e prostitutas da cidade de Bremen.

Em colaboração com o artista Stefan Kaegi dirigeu *Chácara Paraíso* (Culturgest/festival alkantara, 2008) e *Airport Kids*. Entre 2010 e 2012 comissariaram *Ciudades Paralelas*, um festival com oito intervenções no espaço público que se realizou em várias cidades. Gravou dois discos com Ulises Conti. Publicou poesia, teatro e ficção e tem textos traduzidos em várias línguas. [www.lolaarias.com](http://www.lolaarias.com)

## Próximo espetáculo

# Amélia Muge e Filipe Raposo

Com o passo das árvores

**Música** Qui 8 de junho

Grande Auditório · 21h30 · Dur. aprox. 1h25 · M6



“Este concerto, concebido especialmente para esta casa, é uma homenagem a tudo quanto, sendo único e irrepetível, cria raízes e move-se, com o passo das árvores.” Amélia Muge

## Próximo espetáculo de teatro

# We're gonna be alright

Cão Solteiro & André Godinho

**Teatro** De qui 7 a dom 10 de setembro

Grande Auditório · 21h30 (dom 17h) · Duração prevista: 1h30 · M12



“Já me disse mil vezes para não voltar a ficar chocado com o que as pessoas fazem para se divertirem, por razões que não são capazes de explicar.” (Will Self, *My Idea Of Fun*)

**Mais informações em [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)**

**Conselho de Administração****Presidente**

Álvaro do Nascimento

**Administradores**

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

**Assessores****Dança**

Gil Mendo

**Teatro**

Francisco Frazão

**Arte Contemporânea**

Delfim Sardo

**Serviço Educativo**

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Tiago Cruz (estagiário)

**Direção de Produção**

Margarida Mota

**Produção e Secretariado**

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

**Exposições****Coordenação de Produção**

Mário Valente

**Produção**

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

**Culturgest Porto**

Susana Sameiro

**Comunicação**

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

**Publicações**

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

**Atividades Comerciais**

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

**Serviços Administrativos e Financeiros**

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

**Direção Técnica**

Paulo Prata Ramos

**Direção de Cena e Luzes**

José Rui Silva

**Assistente de Direção Cenotécnica**

José Manuel Rodrigues

**Audiovisuais**

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

**Iluminação de Cena**

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

**Maquinaria de Cena**

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

**Técnico Auxiliar**

Vasco Branco

**Frente de Casa**

Rute Sousa

**Bilheteira**

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

**Receção**

Sofia Fernandes

**Auxiliar Administrativo**

Nuno Cunha

**Coleção da Caixa Geral de Depósitos**

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Mária Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do  
Cego nº50, 1000-300 Lisboa  
21 790 51 55 · [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

**Culturgest, uma casa do mundo**